

O DISCURSO RELIGIOSO EM CHARGES: POSSIBILIDADES DIALÓGICAS**RELIGIOUS DISCOURSE IN CARTOONS: DIALOGIC POSSIBILITIES****EL DISCURSO RELIGIOSO EN CARICATURAS: POSIBILIDADES DIALÓGICAS**

Jucileide Maria Oliveira Cândido¹
Maria Dnalda Pereira da Silva²

RESUMO

Este artigo analisa, à luz da perspectiva dialógica do Círculo de Bakhtin, a materialização do discurso religioso em charges, tomando-as como enunciados concretos que instauram um diálogo tenso e polifônico entre diferentes vozes sociais. Assim, o estudo tem como corpus duas charges que tematizam, de modo crítico e valorativo, o ponto de vista religioso frente a questões de interesse público, revelando disputas de sentidos e tensionamentos ideológicos. A reflexão teórico-metodológica anuncia-se na Teoria Dialógica da Linguagem (TDL), sobretudo nas concepções de enunciado, dialogismo, gênero do discurso, articuladas a estudos sobre o discurso religioso e teológico. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa documental (Fontana; Pereira, 2023), de abordagem qualitativa (Chizzotti, 2006). Os resultados da análise sinalizam que o discurso religioso, ao refletir e refratar uma cosmovisão cristã, se constitui como arena de embates axiológicos, em que vozes individuais, revestidas de autoridade divina, procuram legitimar perspectivas particulares, e influenciar a interpretação dos interlocutores, o que pode sugerir que as charges reúnem diferentes vozes e visões que se constroem conforme as vivências e experiências que partem tanto da universalização discursiva quanto da descentralização embarcadas pela não oficialidade, mas pelas peculiaridades vividas por grupos sociais distintos. As charges se configuram como gênero discursivo, permitindo a circulação de múltiplas vozes e valores, o confronto do discurso oficial e das vozes sociais não hegemônicas, evidenciando a complexidade e a heterogeneidade da construção de sentidos no campo religioso e social contemporâneo.

Palavras-chave: teoria dialógica da linguagem; discurso religioso; charge.

ABSTRACT

This article analyzes, from the dialogical perspective of the Bakhtin Circle, the materialization of religious discourse in cartoons, considering them as concrete utterances that establish a tense and polyphonic dialogue among different social voices. Thus, the study's corpus consists of two cartoons that critically and evaluatively address the religious standpoint in relation to issues of public interest, which reveals disputes

¹ Doutoranda, UFCG, <https://orcid.org/0000-0001-7341-3031>, jucileide.candido1@professor.pb.gov.br.

² Doutoranda, UFCG, <https://orcid.org/0000-0001-5785-6270>, maria.dnalda@estudante.ufcg.edu.br.



over meaning and ideological tensions. The theoretical and methodological reflection is grounded in the Dialogic Theory of Language (DTL), especially in the concepts of utterance, dialogism, and discourse genre, articulated with studies on religious and theological discourse. Methodologically, this is a documentary research (Fontana; Pereira, 2023) with a qualitative approach (Chizzotti, 2006). The results of the analysis indicate that religious discourse, by reflecting and refracting a Christian worldview, constitutes itself as an arena of axiological struggles, in which individual voices, imbued with divine authority, seek to legitimize particular perspectives and influence the interpretation of interlocutors. This may suggest that the cartoons bring together different voices and perspectives that are shaped by experiences stemming both from discursive universalization and from decentralization processes embedded in non-official, yet socially situated, contexts. The cartoons are configured as a discursive genre, enabling the circulation of multiple voices and values, the confrontation between official discourse and non-hegemonic social voices, thus highlighting the complexity and heterogeneity of meaning construction within the contemporary religious and social spheres.

Keywords: dialogic theory of language; religious discourse; cartoons.

RESUMEN

EL DISCURSO RELIGIOSO EN CARICATURAS: POSIBILIDADES DIALÓGICAS

Este artículo analiza, a la luz de la perspectiva dialógica del Círculo de Bakhtin, la materialización del discurso religioso en caricaturas, considerándolas como enunciados concretos que instauran un diálogo tenso y polifónico entre diferentes voces sociales. Así, el estudio tiene como corpus dos caricaturas que tematizan, de modo crítico y valorativo, el punto de vista religioso frente a cuestiones de interés público, revelando disputas de sentido y tensiones ideológicas. La reflexión teórico-metodológica se fundamenta en la Teoría Dialógica del Lenguaje (TDL), especialmente en las concepciones de enunciado, dialogismo y género del discurso, articuladas con estudios sobre el discurso religioso y teológico. Metodológicamente, se trata de una investigación documental (Fontana; Pereira, 2023), de enfoque cualitativo (Chizzotti, 2006). Los resultados del análisis señalan que el discurso religioso, al reflejar y refractar una cosmovisión cristiana, se constituye como un espacio de enfrentamientos axiológicos, en el cual voces individuales, revestidas de autoridad divina, buscan legitimar perspectivas particulares e influir en la interpretación de los interlocutores. Esto sugiere que las caricaturas reúnen diferentes voces y visiones que se construyen conforme a vivencias y experiencias derivadas tanto de la universalización discursiva como de la descentralización que emerge de la no oficialidad, pero sí de las particularidades vividas por distintos grupos sociales. Las caricaturas se configuran como género discursivo, permitiendo la circulación de múltiples voces y valores, el enfrentamiento entre el discurso oficial y las voces sociales no hegemónicas, que evidencian la complejidad y heterogeneidad de la construcción de sentidos en el campo religioso y social contemporáneo.

Palabras clave: teoría dialógica del lenguaje; discurso religioso; caricaturas.

INTRODUÇÃO

Partimos da concepção de linguagem advinda do Círculo de Bakhtin, isto é, enquanto manifestação social de natureza dialógica, destacando que são as relações dialógicas a realidade essencial da linguagem, de modo que, a noção de diálogo é aqui compreendida como a grande metáfora da própria vida, funcionando como a engrenagem responsável por movimentar e concretizar os arranjos enunciativos. Assim, ressaltamos a dimensão ecoante dos discursos como responsável pela dinamização das interações sociais, fazendo com que um evento interativo se torne uma arena ideológica, de produção e negociação de sentidos, marcado pelo atravessamento de enunciados e de vozes.

Nesse sentido, optamos pelo gênero discursivo charge que, por sua natureza crítica e constitutivamente atemporal, pode abordar temas de relevância social como o discurso religioso, aqui analisado. Desse modo, consideramos a charge um texto multimodal e multissemiótico, que tem, em sua essência, o diálogo com outros discursos, com outras vozes como traços marcantes, visto que, sendo gênero discursivo, instaura-se em uma dada situação enunciativa.

Isso posto, objetivamos, no presente artigo, analisar, à luz da Teoria Dialógica da Linguagem (TDL) do Círculo de Bakhtin, a materialização do discurso religioso subjacente ao gênero discursivo charge, evidenciando suas dimensões ecoantes e compreendendo-a como enunciado concreto que nos permite explorar as intenções valorativas, as axiologias e a inscrição social dos sujeitos.

Quanto à organização deste artigo, para além destas palavras iniciais que também se constituem das características metodológicas, organizamos da seguinte forma: a) apresentamos, inicialmente, uma breve contextualização da teoria que elegemos como arcabouço, enfatizando tanto a linguagem do ponto de vista dialógico quanto ideológico, por considerarmos esses elementos essenciais para a análise a que nos propomos neste estudo, em seguida conduzimos para a percepção de peculiaridades próprias do gênero discursivo charge e as motivações por trás da escolha; b) posteriormente, trouxemos a análise do corpus aliada ao que a teoria nos revela, para que possamos perceber o discurso religioso através das marcas discursivas ideológicas presentes que, inclusive, mostram-se aparentes pelo dialogismo e pelas axiologias que as envolve; e, c) por fim, apresentamos as considerações finais.

A NATUREZA DIALÓGICA E IDEOLÓGICA DA LINGUAGEM

Quando nos propomos a partir da concepção de linguagem enquanto essencialmente dialógica, tomamos por base os estudos do Círculo de Bakhtin, um grupo de intelectuais e pesquisadores que se reuniu na Rússia entre 1920 e 1970. Esse grupo é considerado responsável por conceber a linguagem para além de seus aspectos puramente linguísticos e abstratos, relacionando-a aos usos sociais efetivados numa sociedade marcada por diferentes interações que são consolidadas nos mais variados contextos.

Para o Círculo, a linguagem está intrinsecamente relacionada às demandas e aos usos sociais, concretizando-se como fenômeno social que se nutre a partir das interações humanas em diferentes esferas de atuação. Dessa forma, podemos afirmar que ela é marcada por dois traços constitutivos: a) social, considerando que os sentidos são construídos a partir dos usos sociais, ou seja, materializa-se a partir das necessidades dos sujeitos, de modo que o enunciado é parte de um fluxo contínuo de comunicação e interação que envolve sujeitos, contextos e ideologias; b) dialógico, considerando o movimento de resposta a outros enunciados, na cadeia de interações, de modo que um enunciado se constitui por meio da relação com outros enunciados, concordando, discordando, refutando, reformulando e mesmo antecipando enunciados outros.

Desse modo, podemos dizer que a linguagem concretiza seus sentidos a partir de um encontro com vários dizeres, com diversos sentidos, em um processo ativo de interações e de compreensões. Ela se constitui como elo na cadeia enunciativa, o que nos leva a concebê-la como dialógica por natureza – assim como a vida – e evidencia a intrínseca relação entre homem e linguagem. Esta é, portanto, parte constituinte do desenvolvimento da vida humana. Essa perspectiva pode ser observada no fato de que, para Bakhtin (2016 [1895 – 1975], p. 11) “[...] todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem”, o que significa que há o reconhecimento da linguagem como meio fundamental de evolução e interação humana. Assim, ela está presente em todas as esferas da vida social (ciência, educação, política, cotidiano), tornando-se mediadora das interações sociais e reforçando seu caráter social e interativo.

Isso posto, convocamos a voz de Bakhtin (2016 [1952/1953], p. 57):

Todo enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva. Todo enunciado deve ser visto antes de tudo como uma resposta aos enunciados precedentes de um determinado campo [...] ele os rejeita, confirma, completa, baseia-se neles, subentende-os como conhecidos, de certo modo, os leva em conta.

As contribuições de Bakhtin acima apresentadas dialogam com a noção de linguagem enquanto fenômeno social essencialmente dialógico, ao evidenciá-la não como um ato isolado, mas sempre situada histórica, social e culturalmente permeado por ecos e ressonâncias de outros discursos. Ou seja, trata-se de um acontecimento social atravessado por vozes e marcado por ressonâncias dialógicas.

A partir desse entendimento, entra em cena a noção de dialogismo como um traço constitutivo de inter-relação que perpassa todo discurso. Na perspectiva bakhtiniana, não é possível identificar um primeiro dizer ou discurso originário, uma vez que a linguagem, enquanto fenômeno social situado, já carrega significados estabelecidos e continuamente reinterpretados ao longo do tempo. Assim, temos discursos sociais diversos que carregam marcas de diálogos prévios que o moldaram e se inserem em uma cadeia contínua de interação. Essa característica mostra que o sentido do discurso não está exclusivamente no que é dito, mas na relação que estabelece com outros dizeres, evidenciando a interdependência entre vozes, contextos, valorações, formando um arranjo enunciativo.

Este posicionamento nos leva a entender o dialogismo a partir dos relacionamentos entre os enunciados. É importante destacar que esses diálogos não implicam necessariamente concordância, mas envolvem tensão. Para Amorim (2018, p. 107) o diálogo, no sentido bakhtiniano, instaura “[...] muito mais uma arena”. Discussões, discordâncias, mas também um profundo entendimento. Mas é um entendimento que altera.” Assim, mesmo estando no âmbito da concordância, alterações recíprocas entre os sujeitos, discursos são necessárias e responsáveis por tornarem o evento único e irrepetível.

Desse modo, enxergamos uma tensão instaurada responsável por atestar a presença do outro (Amorim, 2018), de modo que estamos inseridos em uma arena de vozes, um espaço de construções de sentidos, de valorações. Ressaltamos que a noção de arena de vozes não significa um lugar de caos, onde tudo pode, mas um espaço de construções, de debates ideológicos, onde não há uma proibição total, embora existam “normas” que acabam por inibir vozes. Há, assim, uma negociação de sentidos, na qual

o sujeito, via linguagem, posiciona-se, assume pontos de vistas, participando ativamente da cadeia de enunciados, tornando-se, dessa forma, sujeito responsável, sujeito discursivo como aponta Fiorin (2011).

Nesse sentido, concordamos com Brait (2005) ao afirmar que, se o sujeito bakhtiniano é discursivo, o dialogismo não opera apenas a nível de enunciado, mas também a nível dos sujeitos, pois as relações dialógicas dizem respeito ao sujeito que se inscreve nos enunciados, posicionando-se criticamente, apresentando suas axiologias tensivas frente a outros discursos. Dessa forma, ao falarmos em linguagem, sujeitos e discursos, o dialogismo já nos conduz à ideia de ideologia, dada a carga valorativa implicada.

Assim, entra em cena a natureza dialógica da linguagem, pois, à medida que a linguagem é social e ideológica, envolve juízos de valor, posicionamentos, valorações. A carga axiológica das palavras e dos enunciados não reside apenas no signo linguístico em si, mas nos usos que dele se fazem nas interações discursivas e sociais.

Convocamos, pois, as palavras de Volóchinov, em Marxismo e Filosofia da Linguagem:

[...] A palavra é o fenômeno ideológico por excellence. Toda a sua realidade é integralmente absorvida na sua função de ser signo. Não há nada na palavra que permaneça indiferentemente a essa função e que não seja gerado por ela. A palavra é o medium mais apurado e sensível da comunicação social. (Volóchinov, 2018 [1929], p. 98-99, grifos do autor).

Vemos, na passagem acima, a ênfase dada à palavra enquanto fenômeno ideológico, valorando a realidade na qual está inserida e confirmado a concepção de linguagem intrinsecamente social e histórica. Ela é influenciada pelas relações humanas e pelas formações ideológicas que permeiam os contextos. A ideologia pode ser compreendida como princípio da constituição dos sujeitos e dos discursos, de modo que, ao considerarmos os enunciados como construções de caráter ideológico, é por meio da ideologia que as palavras adquirem sentidos, considerando o lugar social e histórico. Assim, a ideologia é central para a constituição tanto dos sujeitos quanto dos discursos.

Os conceitos aqui elencados como pontos de reflexão nos conduzem à noção de gêneros discursivos compreendidos como tipos relativamente estáveis de enunciados, edificados nos mais variados campos de atuação (Bakhtin, 2011, [1979] p. 262), aspectos do nosso estudo sobre o qual nos deteremos a partir de agora, ao tratarmos do gênero charge.

Partimos de Bakhtin (2016 [1952-1953]), considerando que o gênero discursivo é constituído por três elementos fundamentais: conteúdo temático, estilo e construção composicional, que são indissoluvelmente ligados ao enunciado como um todo. Desse modo, podemos dizer que a linguagem se concretiza nos gêneros discursivos, os quais organizam os modos de dizer. Como destaca Bakhtin (2016 [1952-1953], p. 45), “[...] os gêneros do discurso organizam o nosso discurso quase da mesma forma que organizam as formas gramaticais (sintáticas). Nós aprendemos a moldar o nosso discurso em formas de gêneros [...]”. Essa perspectiva nos permite compreender que os gêneros não apenas refletem, mas também condicionam nossas formas de interação, funcionando como molduras sociais e culturais que orientam as práticas discursivas.

Ao compreendermos os gêneros discursivos como forma de materialização dos enunciados, destacamos que eles permitem que a vida entre na língua, edificando-se as relações discursivas entre sujeitos socialmente organizados. É justamente dessa dinâmica que surgem as valorações, os tons apreciativos que cobrem os modos de dizer e perpassam tudo o que é usado para produzir sentido.

Antes de tratarmos efetivamente sobre o gênero discursivo charge, destacamos que ao estudar a literatura cômica popular na contemporaneidade da Idade Média, bem como do Renascimento, Bakhtin (2010 [1945]) declara que, durante o período medieval, os atos, ritos e espetáculos cômicos ocupavam dada importância na vida do homem daquela época e apresentavam uma diferença em relação às formas de culto e às cerimônias oficiais sérias da igreja e do Estado feudal ao passo que,

[...] ofereciam uma visão do mundo, do homem e das relações humanas totalmente diferente, deliberadamente não-oficial, exterior à igreja e ao Estado; pareciam ter construído, ao lado do mundo oficial, um segundo mundo e uma segunda vida aos quais os homens da Idade Média pertenciam em maior ou menor proporção, e nos quais eles viviam em ocasiões determinadas. Isso criava uma espécie de dualidade do mundo e cremos que, sem levá-lo em consideração, não se poderia compreender nem a consciência cultural da Idade Média nem a civilização renascentista. (Bakhtin, 2010 [1945], p.4-5, grifos do autor).

Ao dialogarmos com essa declaração e relacioná-la ao gênero charge, encontramos diversas semelhanças, dentre elas o fato de reunir um mundo não oficial ao oficial, no qual os princípios da igreja são confrontados a partir de “uma segunda vida”, a vida de quem carrega peculiaridades advindas de vivências em que as regras, por serem engessadas, não correspondem às necessidades do povo.

Desse modo, as charges de cunho religioso nos fazem experienciar essa “dualidade do mundo” por meio do humor crítico, permitindo “[...] o triunfo de uma espécie de liberação temporária da verdade dominante e do regime vigente, de abolição provisória de todas as relações hierárquicas, privilégios, regras e tabus” (Bakhtin, 2010 [1945], p. 8). Logo, ao tomarmos esse recorte, concordamos que a charge, assim como a literatura cômica popular, carrega no seu fazer constitutivo o humor. Além disso, é um gênero popular por aliar uma linguagem mais acessível a temas de interesse coletivo – como, neste caso, o discurso religioso frente às demandas sociais.

Dentre os diversos gêneros circulados na sociedade, encontramos na charge a oportunidade de perceber a inversão dos valores universais, não necessariamente adequados, mas defendidos por parte da elite econômica dominante que busca determiná-los enquanto corretos e ideais para a sociedade. Nesse gênero, há, de forma intrínseca, o confronto de vozes sociais distintas, que colocam em xeque os pontos de vista da classe dominante (aqui representada por expressões religiosas hegemônicas) e os pontos de vista de grupos marginalizados pela sociedade.

Assim, o gênero escolhido neste empreendimento traz, de maneira irônica e sarcástica, discursos que se reúnem hierarquicamente, por força financeira ou por privilégios outros. Os chargistas não só fazem tal feito como convocam os leitores a se posicionarem diante de uma determinada situação, engajando várias classes sociais. Outro ponto relevante é que mesmo a ênfase dada pelo Círculo seja às análises dos enunciados verbais, no caso da charge, a imagem é fundamental para a construção de sentidos, uma vez que estamos diante de uma produção multimodal e multissemiótica.

Desse modo, reforçamos a ideia de que em determinados textos, articular elementos verbais e visuais forma um todo indissolúvel, assim ocorre com o gênero aqui analisado, que se compõe desses dois elementos, não como dimensões excludentes, mas como partes igualmente determinantes para sua compreensão. Brait (2013, p. 44) acentua a importância de estudos que envolvam a dimensão verbo-visual de um enunciado, uma vez que a imagem é determinante tanto quanto o verbo para a interpretação adequada.

Isso posto, apresentamos, a seguir, a metodologia utilizada.

METODOLOGIA

Para a geração de dados, esta pesquisa utiliza o método documental que é compreendido como:

[...] enquanto técnica qualitativa, auxilia no entendimento histórico, cultural e científico de uma comunidade e/ou de um fenômeno (social ou natural) localizados em um determinado período, esclarecendo, assim, inquietações despertas no pesquisador (que, na maioria das vezes, foram sistematizadas em uma proposição de pesquisa). (Fontana e Pereira, 2023, p. 48).

A charge, enquanto documento que transmite valores de um sujeito localizado em uma determinada época, contexto histórico, social e cultural, auxilia a compreender os fenômenos do período no qual se encontra inserida através de recursos da linguagem visual (cores e características dos personagens, por exemplo), assim como também linguísticos, como escolhas de palavras e expressões. Sendo assim, através das características próprias do gênero, como ironia, humor, crítica social e exagero, enxergamos, através do olhar científico e do trabalho com a linguagem de forma crítica, reflexiva e engajada, elementos ideológicos que demonstram posicionamentos demarcados.

Para a análise das charges de cunho religioso, utilizar-se-á o método qualitativo, no qual tomamos os pressupostos do Círculo de Bakhtin como aporte teórico e metodológico, considerando-os como base para o trabalho com a linguagem, uma vez que esses pressupostos nos permitem compreender melhor os conceitos mobilizados na análise do *corpus*. Chizzotti (2006, p. 98), sobre a definição deste procedimento metodológico, reporta: “[...] o objetivo da análise é compreender criticamente o sentido das comunicações, seu conteúdo manifesto ou latente, as significações explícitas ou ocultas [...]”. Sendo assim, objetiva-se, a partir deste tratamento crítico, compreender os sentidos explícitos e/ou implícitos das figuras.

CHARGES: O ENCONTRO DE VOZES SOCIAIS VERBO E VISUALMENTE

Neste ponto, adentramos na análise das charges, mas julgamos pertinente realizar algumas ponderações iniciais acerca do discurso religioso, visto que essa manifestação linguística carrega, de maneira inerente, traços dignos de nota. Quando se trata de discurso religioso, notamos alguns padrões específicos que o difere de outros discursos, haja vista que nos demais o próprio enunciador enuncia por si mesmo, no entanto, no que diz respeito ao discurso religioso, nas palavras de Orlandi (1987), o

enunciador interpreta a mensagem bíblica que por essência não o pertence, de maneira que ele se coloca como representante do verdadeiro emissor (Deus).

Esse movimento linguístico, entretanto, pode provocar desajustes, uma vez que sua interpretação é atravessada por compreensões próprias, ou seja, é contaminada por valorações de quem a transmite. Assim, aquilo que é comunicado não se dá verdadeiramente por meio de um porta-voz neutro, o que, na ausência de um olhar crítico, torna-se perigoso, pois pode soar como verdade absoluta e inquestionável para quem ouve. E é aí que mora o perigo porque “[...] estamos diante da mais visível forma de persuasão e do mais invisível eu persuasivo” (Citelli, 2006, p. 69). Essa afirmação reforça a importância de desenvolvemos uma escuta ativa e reflexiva, capaz de reconhecer as intenções e ideologias que atravessam os discursos cotidianos.

Realizados esses apontamentos, sigamos à análise, tendo em mente as frentes: charge, discurso religioso e TDL. Neste momento, analisamos duas charges selecionadas a partir da plataforma Instagram, as quais abordam, além do discurso religioso, temáticas relevantes para as relações interpessoais no mundo contemporâneo.

Segue a Imagem 1.

Imagen 1: Charge que envolve o discurso religioso



Fonte: https://www.instagram.com/p/CY_TQfWu6CF/. Acesso em: 21/11/2024.

A Imagem 1 traz a charge assinada por Clécio Barroso, sargento da Polícia Militar de Sergipe e integrante da assessoria de comunicação da instituição, onde contribui como chargista oficial. Ele é reconhecido por suas ilustrações que frequentemente abordam temas relacionados à segurança pública e ao cotidiano dos profissionais dessa área, problemas sociais, políticos e culturais. Suas charges destacam-se por uma abordagem humorística e crítica, destacando-se pela capacidade de retratar,

de maneira satírica, situações enfrentadas sociais vigentes, com publicações frequentes em blogs como o “Espaço Militar” e na Associação dos Militares do Estado de Sergipe (AMESE).

Com um perfil ativo no *Instagram* (@cleciobarroso1), o autor compartilha uma variedade de conteúdos, incluindo desenhos, charges, cartuns e caricaturas, fazendo questão de deixar sua marca, por meio de sua assinatura, observada na Imagem 1, reforçando o objetivo de expor e criticar preconceitos sociais por meio do humor gráfico. A charge foi publicada em 21 de janeiro, de 2022, em que o autor aproveita o ensejo do dia nacional de combate à intolerância religiosa para trazer a pauta em sua charge e posta no *Instagram* @cleciobarroso1, abordando especificamente o preconceito de setores do cristianismo evangélico em relação às religiões de matrizes africanas, como o Candomblé e a Umbanda.

Mesmo sabendo que temos um Estado laico, o Brasil ainda apresenta altos índices de discriminação contra religiões de matriz africana, por exemplo, que são frequentemente alvos de preconceito e perseguição. É o que apontam os dados do canal de denúncias do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (MDHC), o Disque 100, que registrou 3.853 violações motivadas por intolerância religiosa em 2024, significando um aumento de mais de 80% em relação ao ano de 2023³. Partindo desse contexto e do fato de se ter um dia específico de combate à intolerância religiosa, o autor utiliza a charge como um enunciado socialmente situado, funcionando como uma resposta a outros enunciados, em um processo dialógico. Afinal, a existência de uma data como essa revela que inúmeros discursos intolerantes já foram proferidos. Assim, a charge busca provocar reflexão e crítica sobre a hipocrisia no respeito à diversidade religiosa.

Na charge em questão, há o encontro de duas linguagens que representam vozes sociais distintas. De início, observamos duas mulheres cujas vestimentas indicam suas respectivas filiações religiosas, reforçando estereótipos construídos socialmente. Do lado esquerdo, uma mulher negra descalça com um vestido de baiana – traje tradicional da cultura afro-brasileira, com turbante, saia longa e rodada. Do lado direito, trata-se de

³ Esses dados são da matéria da CNN Brasil como demonstra o link:
<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/intolerancia-religiosa-no-brasil-cresceu-mais-de-80-diz-estudo/>.
Acesso em 22/05/2025.



uma mulher branca, calçada com sapatos de salto, cabelos longos⁴, saia e blusa. Nas mãos, uma Bíblia – detalhe que, embora não exclusivo, sugere fortemente uma identidade protestante.

Ainda no âmbito da descrição, observamos que o chargista faz uso de dois balões, o da esquerda representa a fala da personagem e o da direita o pensamento. Isso indica uma estratégia de revelar a discrepância entre o que se diz e o que se pensa: embora ela enuncie “Eu respeito sua religião...”, o pensamento “Pena que você vai para o inferno!” demonstra contradição, marcada ainda pela exclamação, que reforça convicção e julgamento. Outro ponto que nos convida à reflexão diz respeito aos aspectos corporais, uma vez que é possível observar, na postura das personagens, linguagens distintas: a mulher da esquerda mostra-se mais recíproca ao abraçar, os ombros estão mais flexionados, os braços mais dispostos ao abraço, buscando mais proximidade; enquanto a senhora da direita mantém a postura ereta, o braço mais alçado, não muito receptivo ao abraço, além disso seu rosto, mesmo esboçando um sorriso, não comungar com as expressões dos olhos e sobrancelhas.

Junto a essas descrições não-verbais, precisamos analisar o enunciado verbal, logo, como dito antes, ambos se complementam e são igualmente essenciais para o processo do enunciado enquanto concreto. Nesse primeiro momento, atentemos para o enunciado “Eu respeito sua religião”, ainda que não materializado, é possível pressupor, através das axiologias, que a mulher profere essas palavras com o intuito de demonstrar uma relação cordial, mesmo porque é de conhecimento comum que a intolerância religiosa ocorre por parte dos fiéis evangélicos, principalmente, atingindo as religiões de matriz africana⁵. Obviamente, são vestígios da colonização portuguesa sofrida no

⁴ Trouxemos essa informação, pois em alguns segmentos religiosos, as mulheres são proibidas de cortar o cabelo, no Brasil, as que professam sua fé em igrejas denominadas Assembleia de Deus, conhecidas por serem mais conservadoras. Apesar de alguns usos e costumes não fazerem parte do estatuto da igreja, eram impostos por seus líderes extremamente radicais. Destacamos ainda que ao longo dos anos, houve uma flexibilização desta prática.

⁵ “[...] constata-se que as religiões que mais são alvos da intolerância religiosa e da discriminação no Brasil são aquelas de matriz africana. Visto que de acordo com um levantamento feito pela Comissão de Combate à Intolerância Religiosa as religiões de matriz africana foram as que mais sofreram ataques no ano de 2021 no estado do Rio de Janeiro, sendo que de 47 denúncias 43 foram contra essas religiões. Além disso, o Centro de Promoção da Liberdade Religiosa e Direitos Humanos (Ceplir), criado em 2012, registrou, no estado do Rio de Janeiro, 1.014 casos entre julho de 2012 e agosto de 2015, sendo 71% contra adeptos de religiões de matrizes africanas, 7,7% contra evangélicos, 3,8% contra católicos, 3,8% contra judeus e sem religião e 3,8% de ataques contra a liberdade religiosa de forma geral. No entanto, dentre as pesquisas citadas é sugerido uma subnotificação das denúncias [...]”Endereço de acesso: <https://www.politize.com.br/religioes-de-matriz->



Brasil, inferência que também nos leva à motivação pela qual descrevemos a cor da pele das mulheres da charge, haja vista que, a intolerância religiosa em torno das religiões de matriz africana também tem uma origem em uma cultura escravocrata.

Assim como vocalizar/enunciar “Eu respeito sua religião”, o ato de pensar (não vocalizar/enunciar) “Pena que você vai para o inferno!” foi um comportamento axiológico e estratégico, pois a mulher provavelmente entende que dentro da contemporaneidade, expor seu pensamento seria um ato disruptivo. Posto isso, compreendemos que seu comportamento linguístico dialoga com as normativas legislativas, mas que ainda assim no seu íntimo ela carrega uma suposta “verdade universal” que a coloca no céu e coloca a outra mulher no inferno, isso por imaginar que sua crença é a única capaz de realizar esse feito. Para além disso, é possível identificar que o chargista deixou através das valorações, das relações dialógicas e da refração sínica, marcas das suas concepções político-ideológicas, construindo uma crítica social à maneira como se comportam os evangélicos diante de situações.

A segunda charge foco de nossa análise é apresentada a seguir:

Imagen 2: Religião, adoção e homossexualidade



Fonte:<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=766526463447185&id=228900067209830&set=a.22890443720933>. Acesso em: 21/11/2024.

[africana/#:~:text=No%20Brasil%20diversas%20cren%C3%A7as%20ocupam%20um%20mesmo.](#)
Acessado em 06/02/2025. Também podemos encontrar mais informações no endereço: <https://brasil.un.org/pt-br/70342-especial-intoler%C3%A2ncia-contra-religi%C3%B3es-de-matrizes-africanas-no-brasil>. Acessado em 06/02/2025.

A charge representada na Imagem 2 é de autoria de Jack Salles, como podemos identificar a partir da assinatura, autor sobre o qual não obtivemos maiores informações, mas o que não nos impede de adentrarmos no enunciado concreto. A charge em questão traz três frentes: adoção, religião e homossexualidade. Relacionando os assuntos, o chargista faz uma crítica social ao pensamento adotado pela Instituição religiosa de segmento evangélico.

Para melhor compreendermos, analisamos os elementos semióticos que revelam a tensão ideológica presente na cena. Em primeiro plano, deparamo-nos com a palavra “ADOÇÃO!” escrita em letras maiúsculas (caixa alta), seguida da exclamação, o que parece sugerir um assunto de extrema urgência do tema, haja vista que ao tratar sob a ótica da religião é muito subjetivo e pouco prático. Essa escolha tipográfica enfatiza o conflito e introduz um tom de emergência para a discussão, deslocando-a do campo subjetivo para uma necessidade objetiva e concreta.

Em seguida, temos dois balões, sendo um deles de tamanho desproporcional com relação ao outro, o que pode indicar o excesso de justificativas que o casal traz para a criança quanto à questão da adoção por casais homossexuais. Enquanto o outro balão apenas traz uma interrogação e uma exclamação indicando, junto à expressão facial do menino, a sua incompreensão/insatisfação. Quanto aos aspectos verbo-visuais, observamos um casal carregando Bíblias. Ambos estão bem vestidos, com aparência formal: a mulher usa saia longa, blusa fechada e cabelos presos; o homem veste paletó, gravata e calça ajustada. Ambos estão bem calçados, em oposição a uma criança descalça, com roupas rasgadas e visivelmente desprotegida para o frio. Essa dualidade visual contribui para o sentido pretendido pelo autor: a diferença de classe social é evidente e a vulnerabilidade da criança torna-se irrelevante na situação, visto a orientação sexual dos prováveis adotantes.

O estabelecimento de sentidos é construído também através da escolha gráfica da escrita da palavra “deus” com letras minúsculas que embora seja a transcrição dos argumentos do casal, o autor opta por escrevê-la com letra minúscula que mais do que ferir as normas linguísticas de Língua Portuguesa, pode sinalizar uma espécie de referência a outros deuses, além de trazer um diálogo com o livro de Coríntios (4,4⁶),

⁶ Tradução 1: 2 Coríntios 4:4 - Nos quais o deus deste século cegou os entendimentos dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, que é a imagem de Deus. Tradução 2: 2 Coríntios 4:4 NBV-P - Satanás, o deus deste mundo pecaminoso, o fez cego, incapaz de ver a luz do

no qual trata do falso deus (satanás). Percebemos então por meio dessas valorações e das relações dialógicas o quanto ideologicamente o autor discorda dos argumentos trazidos pelo casal. O estabelecimento de sentidos ocorre ainda por meio da sátira, pois no decorrer de todo enunciado encontramos a nítida ironia, como reportado no enunciado “Se o nosso deus não mandar um casal hétero para te adotar, é melhor que você passe o resto da sua vida vivendo nas ruas ou num orfanato”. Nesse primeiro fragmento há uma ironia contida, pois a justificativa não comunga das necessidades básicas da criança, tornando-a, do ponto de vista lógico e incoerente.

Em seguida, ao dizer “Casais gays não devem adotar crianças, nosso deus odeia os gays” junto a forma em que seguram a bíblia (em posição de escudo), deixa a criança sem argumento e constrangida. Assim, o casal usa a bíblia como mote para sustentar a tese de que seria “melhor” para a criança morar nas ruas que ser adotada por um casal gay, concluindo com a frase: “você consegue entender todo esse amor divino?”, o que lemos como uma contradição, visto que se trataria de um amor divino, mas que deixa uma criança morar nas ruas. Nessa contradição do amor que o casal prega, o autor deixa marcas de uma crítica a tal posicionamento, funcionando como uma questão retórica, porque todo o resto já conduz a construção de argumentos suficientes para discordância do leitor.

Além disso, destacamos que há, claramente no texto, três grandes vozes: 1) a voz religiosa conservadora, representada pelo casal, que usa do discurso da moral religiosa como argumento para excluir casais LGBTQIAPN+ do direito à adoção e, consequentemente, julgar e condenar aqueles que não seguem a sua doutrina, bem como irem de encontro a própria doutrina de amor ao próximo; 2) a voz da criança, apenas representada graficamente pela expressão de espanto (!?), sugerindo tanto uma crítica implícita à lógica apresentada pelos adultos de que as crianças precisam apenas ouvir, não podem ser posicionar e a perspectiva de que ela não tem voz, não tem sequer o dinheiro de usar a linguagem, de se expressar, simbolizando também uma vulnerabilidade e necessidade de acolhimento, contrastando com a rejeição ideológica do casal; 3) a voz do autor da charge, que faz emergir várias vozes, aquelas que concordam plenamente com o casal, a sociedade que exclui, que fecha os olhos para a situação de crianças em situação de vulnerabilidade, as autoridades que não voltam sua

evangelho da glória de Cristo, que mostra como Deus realmente é. (NBV-P: Nova Bíblia Viva Português).

atenção à questão da adoção, vozes também que se indignam diante da situação, sinalizando a crítica a tal situação, o que é feito por meio do uso de ironia e do contexto da fala do casal. Assim, por meio dessas vozes que dialogam e negociam sentidos, o autor expõe a contradição entre o discurso de “amor divino” e a postura excluente representada pelo casal de religiosos, conduzindo-nos a questionar a legitimidade desse discurso religioso e sua coerência ética e social.

Desse modo, identificamos, a partir da perspectiva bakhtiniana, que há um diálogo tenso entre duas ideologias: 1) rejeição baseada em uma visão religiosa tradicional que põe a fé em um “deus” acima do acolhimento ao próximo; 2) inclusiva e crítica, ao questionar a validade do posicionamento representado pelo casal, sugerindo que para ser de fato “amor divino”, é necessário priorizar o bem-estar e a dignidade da criança em situação de vulnerabilidade.

Diante disso, destacamos que as duas charges em análise possibilitaram enxergar a concretização do discurso religioso e seu diálogo com aspectos sociais, políticos, ideológicos, concebendo a charge enquanto enunciado concreto que emana vozes em constante diálogo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Destacamos que, nas charges em análise, a linguagem se concretiza de maneira dinâmica, heterogênea e multissemiótica, comprovando, pois, a presença dos dois traços constitutivos da linguagem por nós sinalizados no início do arcabouço teórico. O aspecto social é identificado ao tratarmos da construção de sentidos a partir dos usos sociais dos textos, no caso, da charge, isto é, a partir das necessidades dos sujeitos de emitirem uma resposta a enunciados outros, à sociedade. Em outras palavras, os enunciados das charges surgiram em situações sociais específicas.

Ao se concretizar enquanto social, dinâmico, com comportamento responsável e responsável, aspecto dialógico torna-se evidente, considerando, pois, o movimento de resposta a outros enunciados e carregando marcas de vozes sociais que dialogam na medida em que entrar em confronto, reafirmam ou reformulam dizeres, revelando conflitos ideológicos e evidenciando o que Bakhtin (2016 [1952/1953], p. 57) apresenta, que “Todo enunciado é pleno de ecos e ressonâncias”.

Especificamente a Imagem 1 (Charge 1), os conflitos ideológicos giram em torno de concepções de mundo distintos, de valorações ideológicas que traz a voz daquele que

se diz próximo de Deus, mas que já condena o seu próximo, utilizando a ironia de uma das personagens para expor a hipocrisia no discurso de tolerância religiosa, mostrando como preconceitos podem estar disfarçados sob uma fachada de respeito, visto que há uma “tentativa” de abraço fraterno. Na Charge 2, Imagem 2, a voz social que emana a partir dos personagens religiosos refrata posicionamentos axiológicos sociais nos quais, em nome de uma fé, defendem que casais gays não poderiam adotar crianças, afirmando que essa é uma abominação aos olhos de seu "deus". Temos, pois, um discurso autoritário e dogmático, típico de uma ideologia religiosa conservadora, que reivindica uma verdade absoluta sobre o que é certo ou errado com base em crenças religiosas. Assim, observamos que há um confronto de vozes na medida em que a charge articula uma crítica ao uso do discurso religioso para justificar a exclusão social e a perpetuação de preconceitos contra casais gays. Assim, podemos falar que há uma contradição interna do discurso religioso, mesmo falando de amor e cuidado, há a exclusão de dois grupos sociais com base em preconceitos, os casais gays e as crianças em situação de vulnerabilidade social.

Isso posto, destacamos a importância de um olhar atento às construções de sentidos, as valorações que são feitas por meio do uso da linguagem, auxiliando-nos a melhor compreendermos como os discursos se constroem e se confrontam na sociedade, sendo capazes de moldar valores, crenças e práticas, exigindo dos sujeitos da linguagem uma atitude responsável e responsiva, isto é, uma atitude de compreensão ativa, de modo que, no momento da interação (presente ou presumida), concretize-se o movimento dialógico de vozes de concordar, discordar, questionar, refutar.

Diante disso, destacamos que as reflexões aqui apresentadas não objetivaram apontar verdades, sobretudo quando tratado de discurso religioso que tem seu peso social forte, mas de entender como a cadeia de discursos em permanente diálogo e concretizada no gênero charge é capaz de se articular, de dialogar, para construir determinados sentidos em detrimento de outros.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Marília. Cronotopo e exotopia. In: BRAIT, B. (org.) **Bakhtin**: outros conceitos-chave. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018, p. 95-114.

BAKHTIN, Mikail. **A cultura popular na Idade Média**: o contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec, 2010 [1945].

BAKHTIN, Mikail. **Os gêneros do discurso.** Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. Notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: 34, 2016 [1952/1953].

BRAIT, Beth. (org.) **Bakhtin:** conceitos-chave. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

BRAIT, Beth. Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 43-66, jul./dez. 2013. Disponível em:
<https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/16568>. Acesso em: 21 nov. 2024.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais.** 8. ed. São Paulo: Cortez. 2006.

CITELLI, Adilson. **Linguagem e Persuasão.** 16. ed. São Paulo: Ática, 2006.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin.** São Paulo: Ática, 2001.

FONTANA, Felipe; PEREIRA, Ana Carolina Torrente. Pesquisa documental. In: JÚNIOR, Carlos Alberto de Oliveira Magalhães; BATISTA, Michel Corci. **Metodologia da pesquisa em educação e ensino de ciências.** 2. ed. Ponta Grossa: Atena, 2023, p. 42-58.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A Linguagem e seu Funcionamento:** as formas do discurso. Campinas: Pontes, 1987.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e Filosofia da Linguagem.** Tradução de Sheila Grilo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: B34, 2018 [1929].

Submetido em: 30/10/2025

Aceito em: 03/11/2025